



EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

Na véspera do evento mundial, que reúne delegações de 170 países em Belém, familiares enterraram seis mortos, vítimas do tornado que dizimou Rio Bonito do Iguaçu, no Paraná. Força-tarefa entre os governos federal e estadual reconstruirá a cidade



» WAL LIMA
» DANANDRA ROCHA
» VANILSON OLIVEIRA

A 30ª Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas (COP30) tem início hoje com a inevitável ilação entre o tema tratado no evento e o raro tornado que devastou a cidade de Rio Bonito do Iguaçu, município do Centro-Sul paranaense. O fenômeno tem sido citado como comprovação empírica dos impactos das mudanças climáticas no planeta — tema que norteia os debates entre os delegados de 170 países que estão em Belém, para participar da Cúpula. Ontem, no discurso de abertura da 4ª Cúpula de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos e da União Europeia (Celac-UE), que aconteceu em Santa Marta, na Colômbia, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva abriu a sua fala citando o fenômeno.

“Desejo expressar minhas condolências às vítimas das tempestades que atingiram recentemente o Caribe e o estado do Paraná, na região Sul do Brasil. Nossos pensamentos e orações estão com todas as vítimas e seus familiares”, disse Lula.

Em Rio Bonito, o domingo foi de silêncio e despedida. Em um salão paroquial, centenas de pessoas se reuniram em um velório coletivo para se despedirem de cinco das seis vítimas. O espaço, preservado da destruição, tornou-se ponto de encontro para moradores que ainda tentam compreender a dimensão do que ocorreu. Durante todo o dia, o movimento foi constante no local. Moradores chegaram com flores, velas e orações. Muitos preferiram apenas observar, em silêncio, o cenário que misturava dor e solidariedade.

Entre as vítimas, estava Júlia Kwapis, de 14 anos, cuja história mobilizou a cidade. A adolescente estava na casa da amiga Heloísa quando o vento começou a soprar com força. O tornado pegou as duas de surpresa. Elas chegaram a se abraçar, mas foram separadas pela ventania, que chegou a 250 km/h. Heloísa foi arrastada por mais de 150 metros e sobreviveu. Júlia foi arremessada contra o muro do Centro Municipal de Ensino Infantil (Cmei) da cidade, que chegou a ser destruído pela força da ventania.

O pai da adolescente, Roberto Kwapis, falou com simplicidade aos jornalistas presentes no velório, sobre o que ficou de lembrança da filha. “O que vai ficar é a certeza do amor que eu tinha por ela e ela por mim”, antes disso, comovido, chegou a informar que procurou a adolescente em todas as unidades hospitalares das cidades vizinhas, mas não a encontrou.

COP começa em clima de luto

ESTADÃO CONTEÚDO



A quadra poliesportiva de Laranjeiras do Sul (PR) funcionou como um centro de recebimento e triagem de doações

O sepultamento coletivo ocorreu no fim da tarde, no Cemitério Municipal. O tornado, classificado como F3 pelo Sistema de Meteorologia do Paraná, deixou 784 feridos, segundo o registro mais recente, e afetou cerca de 10 mil pessoas. Além de Júlia, morreram José Neri, 53; José Gieteski, 83; Claudino Paulino Risse, 57; Juranir Nogueira Ferreira, 49; e Adriane Maria de Moura, 47 — esta última sepultada em Sulina.

A Copel informou que, até a manhã de ontem, 49% da rede elétrica do município havia sido restabelecida. Estruturas prioritárias, como o posto de saúde, o Centro do Idoso e o comando da Defesa Civil, voltaram a ter energia ainda na tarde de sábado.

Força-tarefa

Os governos federal e estadual mobilizaram uma força-tarefa, ontem, para atender às vítimas e iniciar a reconstrução da cidade. O ministro da Integração

e Desenvolvimento Regional, Valdez Góes, que está na região, disse que o governo foi pego de surpresa. “No caso de um tornado, é mais difícil prever. O ciclone você monitora, mas o tornado não tem como você ter uma previsão do estrago que ele pode fazer. Então, a gente não pode diminuir os eventos. Mas nós podemos nos preparar mais e melhor, para lidar com eles e evitar que vidas sejam ceifadas”, afirmou Góes. O ministro destacou ainda que o país lançará, durante a COP30, o primeiro Plano Nacional de Proteção e Defesa Civil, elaborado em parceria com estados e municípios.

Com a publicação do decreto federal que reconhece o estado de calamidade em Rio Bonito do Iguaçu, o município passa a ter acesso direto a recursos federais para reconstrução de moradias, reposição de infraestrutura e envio de suprimentos essenciais, como medicamentos, água potável e colchões. A Defesa Civil Nacional também

está autorizada a solicitar reforço de pessoal e equipamentos para a região.

O Ministério da Previdência anunciou, ontem, a antecipação de benefícios do INSS aos atingidos, enquanto o governo estuda liberações emergenciais do FGTS.

O governador Ratinho Junior anunciou a liberação de R\$ 50 milhões do Fundo Estadual de Calamidade Pública (Fecap) para a reconstrução do município.

“Já decretei estado de calamidade para região, o que facilita e agiliza os atendimentos. Também já estamos com equipes da Fundepar fazendo levantamento das escolas destruídas. Nós faremos alojamentos provisórios para famílias que não têm onde se acomodar”, afirmou.

Um projeto de lei que altera as regras de repasse do fundo foi encaminhado à Assembleia Legislativa em regime de urgência. A proposta prevê o pagamento direto às famílias, com repasses de até R\$ 50 mil para reconstrução das casas.

Reconstrução e solidariedade

Entre o luto e o esforço de reconstrução, Rio Bonito do Iguaçu tenta retomar a rotina. Diante do silêncio dos moradores, surge a solidariedade de cidades vizinhas. De vários locais vieram doações e voluntariado. Hospitais da região recebem reforços de profissionais e insumos, enquanto prefeituras próximas disponibilizam maquinário para a limpeza das áreas mais afetadas.

A Secretaria de Estado da Saúde (Sesa) enviou um grande lote de insumos hospitalares à região. A operação, coordenada pela Casa Militar, envolveu seis aeronaves do governo estadual. Mil frascos de soro, mil unidades de Ringer e cerca de 14 mil itens hospitalares — entre ataduras, seringas e compressas — foram transportados de Curitiba até Guarapuava, e de lá seguiram em helicópteros para Laranjeiras do Sul, cidade que centraliza o atendimento às vítimas.

Beto Preto, secretário estadual da Saúde, acompanhou a chegada dos materiais. “O Paraná se mobilizou rapidamente para garantir que nenhuma unidade ficasse sem condições de atender. É um esforço conjunto que envolve logística, solidariedade e o compromisso de toda a rede de saúde com as famílias atingidas”, afirmou.

Desde sexta-feira até domingo, foram contabilizados 835 atendimentos médicos na região, sendo 32 pessoas ainda internadas, quatro delas em UTI, mas sem casos graves. De acordo com a Defesa Civil, 750 pessoas ficaram feridas.

De acordo com o portal Bem Paraná, as buscas encerradas na área urbana e a confirmação de que não há mais desaparecidos, as equipes concentram esforços no restabelecimento dos serviços essenciais. O Corpo de Bombeiros atua na reorganização do abastecimento de água e energia elétrica, além de coordenar a distribuição de alimentos e água potável.

Bunkers

O governador de Santa Catarina, Jorginho Mello (PL), comunicou ontem que o estado dará início a construção de bunkers (salas seguras) embaixo de escolas estaduais para reforçar a proteção de estudantes, professores e comunidade escolar em caso de novas tempestades de tornados.

A primeira unidade dos alojamentos será construída junto com a reconstrução de uma escola que foi afetada pela ventania, na cidade de Dionísio Cerqueira. Jorginho Mello chegou a visitar a unidade logo após a passagem de um tornado e falou com jornalistas.

“Serão salas seguras, provavelmente em áreas úteis do colégio, mas com estrutura reforçada contra tornado e chuva forte. Vamos aproveitar que já iremos fazer grandes reformas nas novas construções [das escolas]”, explicou o governador que também pontuou que as obras já serão realizadas nos próximos dias. Mello esteve também em Xanxerê, ontem à tarde, para conferir de perto os estragos. (WL e DR)



SÉRGIO ABRANCHES

A SEMANA DE NEGOCIAÇÃO TÉCNICA COMEÇA HOJE, EM UM CONTEXTO ADVERSO, SEM RECURSO DE ÚLTIMA INSTÂNCIA E NA AUSÊNCIA DA DELEGAÇÃO DOSEUA. SERÁ PRECISO GRANDE MALABARISMO DO NEGOCIADOR OFICIAL BRASILEIRO

A COP da Amazônia

A COP30, em Belém, começou na semana passada, 6-7/11 com formato inusitado. A Cúpula de Líderes tradicionalmente encerra as COPs. Por causa das insuficiências com a acomodação das delegações, desta vez abriu o encontro. O governo brasileiro se esforçou para manter sua relevância, criando rodas de conversa, por exemplo, sobre transição energética. A reunião de governantes se dá no encerramento para que os impasses políticos insolúveis na etapa técnica possam ser negociados entre eles. Cobri várias COPs e em pelo menos duas delas a presença dos chefes de estado foi decisiva.

A COP15, em Copenhague, 2009, terminaria em fracasso, não fosse uma negociação inédita, reunindo cinco fortes lideranças. Conteí os bastidores desta negociação em meu livro sobre a COP 15. Com o Bella Center esvaziando em frustração, o presidente dos

EUA, Barack Obama entrou sem ser convidado na reunião de balanço do Basic, o grupo de negociação do clima formado por Brasil, África do Sul, Índia e China. Os cinco, mangas de camisa arregaçadas, negociaram os artigos objeto do impasse, palavra por palavra, sem a intermediação dos diplomatas. Fecharam o acordo, bloqueado no Plenário por um pequeno grupo de veto formado por Venezuela, Bolívia, Cuba e Arábia Saudita. Teve que ser incorporado aos Acordos de Cancún, no ano seguinte. As COPs 15, 16 e 17, esta em Durban, marcaram a virada que possibilitaria o Acordo de Paris, na COP21, seis anos depois.

A segunda foi, exatamente, a COP 21. Escrevi na época que as negociações terminavam cada dia com vários nós cegos e, pela manhã eles haviam sido desfeitos. Obama, então em seu segundo mandato, pediu a seu Secre-

tário de Estado, John Kerry, que ficasse por toda a negociação. Nos bastidores, enquanto os delegados dormiam, as diplomacias da França e do Brasil, com o reforço de Kerry, do presidente da COP, ex-primeiro ministro da França, então ministro das Relações Exteriores, Laurent Fabius, político hábil, e do presidente francês, François Hollande trabalhavam, desatando os impasses. Foi assim até o fechamento da COP, quando ele foi aprovado. O Brasil abriu mão desse reforço de poder em Belém.

A semana de negociação técnica começa hoje, em um contexto adverso, sem recurso de última instância e na ausência da delegação dos EUA. Será preciso grande malabarismo do negociador oficial brasileiro, embaixador Maurício Lyrio, Secretário de Clima, Energia e Meio Ambiente do Ministério das Relações Exteriores, e do presidente da COP, embaixador André Correia do Lago para driblarem os problemas e obter um conjunto parcimonioso de decisões que poderia salvar a COP30.

Os dois são diplomatas experientes e têm as habilidades necessárias para atuar em contexto adverso.

O que seria um conjunto mínimo de decisões capaz de fazer da COP30 um sucesso? A mais importante medida, de relevância central para o combate à mudança climática, seria um plano de saída progressiva dos combustíveis fósseis. Não será fácil. O próprio Brasil tem posição contraditória. Defende esse abandono dos fósseis, mas avança para explorar petróleo na costa da Amazônia. Um mapa do caminho indicando os passos necessários e o estabelecimento de metas específicas poderiam ser considerados parte importante do sucesso. Outro tema importante são as metas de redução de gases estufa, as NDCs. Houve retrocesso nessa questão. A União Europeia, reagindo à ausência dos EUA, foi tímida com sua meta. Com uma contribuição conservadora da Europa e o abandono americano, ficaremos muito aquém do necessário. Finalmente, um terceiro ponto relevante seria o financiamento

para as ações de adaptação de países de baixa renda e muito vulneráveis à mudança climática. Este tem sido um gargalo persistente.

Já houve várias decisões sobre financiamento. Nenhuma delas saiu do papel. Os países mais ricos resistem. O Brasil apresentou o TFFE, Fundo Florestas Tropicais para Sempre, um arranjo financeiro para remunerar os países que preservem suas florestas tropicais. Aindano se sabe se dará certo e é financiamento carimbado para conservação florestal. A recepção política foi muito satisfatória, mas os aportes, poucos.

Financiamento e saída dos combustíveis fósseis são duas questões chave. Se não forem resolvidas, a humanidade não evitará elevações catastróficas da temperatura. Já chegamos ao patamar que devíamos ter evitado, de aquecimento médio global de 1,5°C. Estamos no rumo dos 2,5C-3,5C. É um cenário de desastre climático. A vida humana não suportaria as temperaturas em vários pontos do planeta.